

DE SÃO PAULO

SÃO PAULO, fevereiro — Ando querendo fazer umas viagens mais longas pelo Brasil, mas antes dou uma chegada em São Paulo. O chôcho Carnaval de sempre; mas se os dias são um tanto quentes, o paulista tem o consólo de dormir bem, porque as noites são frescas. Os indígenas lêem com espanto os telegramas do Rio que dão o número de pessoas mortas e feridas e de bondes arrebatados durante o Carnaval; e nossa bela Capital Federal consolida sua fama de inconsequente e louca. O barbeiro me fala, com reprovação, das revistas do Rio, com fotografias de mulheres nuas. Como percebe que sou neutro no assunto (de fotografias) passa a falar com menos austeridade e afinal opina, com um leve tom de inveja que "o Rio é mesmo uma cidade gozada". Confesso-lhe que habito, ainda que esporadicamente, a referida cidade, e nela me divirto mediocrementemente, ou quase nada. Mas éle inopinadamente me assegura que se fôsse solteiro e mais moço iria morar no Rio; pois ali se gasta alegremente o dinheiro produzido com o trabalho do Brasil inteiro. Aliás — acrescenta, me raspando o queixo — Brasil inteiro é um modo de dizer, pois quem produz mesmo é São Paulo...

— O senhor é paulista, não é?
Digo-lhe que não. Sou do Espírito Santo...
— Do Pinhal?

* * *

Menti ao barbeiro. Sirto-me paulista e paulistano, e velho. Vejo com admiração as novas praças e avenidas feitas para desafogar a cidade já maior de dois milhões, mas nessa admiração há um segredo desconforto, e ando com mais carinho e vagar pelas velhas ruas de meu tempo, que não mudaram. Mudaram as pessoas; envelheceram, sumiram, morreram — e eu mesmo envelheci bastante, eu mesmo tenho sumido, eu mesmo discretamente morro. Sobre o meu corpo são lançados novos viadutos, com a alegria clara e seca do cimento armado.

Reajo, me reincarno junto a um plátano na praça da República, a uma palmeira no Anhangabaú. Sobrevivo, remonto. Aprovo, com alegria nos olhos, a derrubada da Delegacia Fiscal. O prédio era feio, as duas palavras do nome eram anti-páticas; agora os carros fluem com doçura de uma ponte a outra de Santa Efigênia ao Chá — os carros, a brisa da tarde e meu ressuscitado olhar.

13.2.51

R. B.